

## Quem Salvará os Heróis?

### Artigo/QUEM SALVARÁ OS HERÓIS?

Em vários momentos de sua história, a humanidade se viu diante de grandes desafios a serem enfrentados e, por isso, catástrofes, guerras e pandemias não são palavras vazias de sentido, sobretudo no século XXI. Mas o que seriam essas encruzilhadas históricas sem a presença de heróis ou heroínas para nos salvar quando a esperança se desfaz? Não importa. Sabemos, porém, que um herói é aquela figura detentora de poderes especiais que surge com a tarefa de trazer esperança nos momentos de desalento.

Recentemente, com a pandemia do covid-19, foram alçados a essa categoria, determinados conjuntos de profissionais, como os da área de saúde, educação e limpeza, pesquisadores, entregadores de aplicativos, entre outros. Uma vez ou outra, os jornais noticiam alguns atos heroicos, como é o caso de professores que percorrem longas distâncias e obstáculos para entregar atividades aos estudantes. Ser herói em nosso país, por outro lado, não é uma tarefa fácil e parece não confirmar a totalidade da lógica identificada pelo antropólogo Joseph Campbell, em 1949, no livro em que apresenta o caminho percorrido por esse tipo de arquétipo (mundo comum, o chamado, o mentor, testes e provações, desafio final, recompensa, retorno para casa, vida nova) como um mito presente em várias sociedades.

Observamos em nossas paragens o louvor ao heroísmo desses profissionais e também os ataques às condições que viabilizam seus poderes, como: o financiamento de pesquisa, o investimento em saúde e educação e o direito ao trabalho digno. Além disso, os heróis e heroínas da saúde foram, no início da pandemia, assediados nos transportes públicos, hostilizados em ato em Brasília e muitos tiveram salários atrasados em determinadas prefeituras.

Já os professores têm sofrido assédio institucional e ampliado seus ritmos de trabalho, sendo atingidos com mais intensidade por formas de adoecimento psíquico com o ensino remoto. Nesse momento, como antídoto ao problema, é ofertado aos docentes o acompanhamento psicológico com mais doses diárias do uso de telas de celular e computador. Ao que parece, na jornada do herói brasileiro não é possível alcançar as fases da recompensa, do retorno para casa e da vida nova definidas por Campbell.

Não são de hoje as pautas apresentadas nas câmaras legislativas com o objetivo de penalizar a saúde, a educação e seus respectivos profissionais. Na verdade, os heróis são,



antes de mais nada, trabalhadores e trabalhadoras e, embora muitos não se reconheçam como tais, eles concorrem com um “exército industrial de reserva” e são peças sobressalentes passíveis de serem substituídas na sociedade capitalista. Desse modo, a resposta final à questão que intitula este texto deveria ser: ou cuidamos dos nossos heróis ou não teremos quem nos salve!

Na verdade, os heróis precisam reconhecer-se como categoria profissional, ou classe, para poderem se salvar. Porque enquanto isso não acontece eles terão que suportar a ideia de que realizam sua atividade por vocação, por um “chamado de Deus”. Mas, identificados como categoria profissional, é possível reconhecer as implicações “escondidas na manha ideológica que envolve a redução da condição de professora à de tia”, como bem nos alertou o grande Paulo Freire, no caso da área da educação. Por fim, cabe resgatar aqui o diálogo entre Galileu e Andrea, na peça escrita por Bertolt Brecht A vida de Galileu: “Infeliz a terra que precisa de heróis”.

Tarcísio Augusto Alves da Silva - professor do Dep de Sociologia da UFRPE e diretor da Aduferpe

17 terça-feira Recife, 1º de setembro de 2020

Os artigos desta página devem ter até 25 linhas e serem enviados para o e-mail [carta@folha.com.br](mailto:carta@folha.com.br). As ideias expressas nos textos não refletem necessariamente a opinião do jornal.

# Opinião

## Quem salvará os heróis?

**TARCÍSIO AUGUSTO ALVES DA SILVA\***

Em vários momentos de sua história, a humanidade se viu diante de grandes desafios a serem enfrentados e, por isso, catástrofes, guerras e pandemias não são palavras vazias de sentido, sobretudo no século XXI. Mas o que seriam essas encruzilhadas históricas sem a presença de heróis ou heroínas para nos salvar quando a esperança se desfaz? Não importa. Sabemos, porém, que um herói é aquela figura detentora de poderes especiais que surge com a tarefa de trazer esperança nos momentos de desalento.

Recentemente, com a pandemia da Covid-19, foram alçados a essa categoria, determinados conjuntos de profissionais, como os da área de saúde, educação e limpeza, pesquisadores, entregadores de aplicativos, entre outros. Uma vez ou outra, os jornais noticiam alguns atos heroicos, como é o caso de professores que percorrem longas distâncias e obstáculos para entregar atividades aos estudantes.

Ser herói em nosso país, por outro lado, não é uma tarefa fácil e parece não confirmar a totalidade da lógica identificada pelo antropólogo Joseph Campbell, em 1949, no livro em que apresenta o caminho percorrido por esse tipo de arquétipo (mundo comum, o chamado, o mentor, testes e provações, desafio final, recompensa, retorno para casa, vida nova) como um mito presente em várias sociedades. Observamos em nossas paragens o louvor ao heroísmo desses profissionais e também os ataques às condições que viabilizam seus poderes, como: o financiamento de pesquisa, o investimento em saúde e educação e o direito ao trabalho digno.

Além disso, os heróis e heroínas da saúde foram, no início da pandemia, assediados nos transportes públicos, hostilizados em ato em Brasília e muitos tiveram salários atrasados em determinadas prefeituras. Já os professores têm sofrido assédio institucional e ampliada seus ritmos de trabalho, sendo atingidos com mais intensidade por formas de adoecimento psíquico com o ensino remoto. Nesse momento, como antídoto ao problema, é ofertado aos docentes o acompanhamento psicológico com mais doses diárias do uso de telas de celular e computador.

Ao que parece, na jornada do herói brasileiro não é possível alcançar as fases da recompensa, do retorno para casa e da vida nova definidas por Campbell. Não são de hoje as pautas apresentadas nas câmaras legislativas com o objetivo de penalizar a saúde, a educação e seus respectivos profissionais. Na verdade, os heróis são, antes de mais nada, trabalhadores e trabalhadoras e, embora muitos não se reconheçam como tais, eles concorrem com um “exército industrial de reserva” e são peças sobressalentes passíveis de serem substituídas na sociedade capitalista.

Desse modo, a resposta final à questão que intitula este texto deveria ser: ou cuidamos dos nossos heróis ou não teremos quem nos salve! Na verdade, os heróis precisam reconhecer-se como categoria profissional, ou classe, para poderem se salvar. Porque enquanto isso não acontece eles terão que suportar a ideia de que realizam sua atividade por vocação, por um “chamado de Deus”. Mas, identificados como categoria profissional, é possível reconhecer as implicações “escondidas na manha ideológica que envolve a redução da condição de professora à de tia”, como bem nos alertou o grande Paulo Freire, no caso da área da educação. Por fim, cabe resgatar aqui o diálogo entre Galileu e Andrea, na peça escrita por Bertolt Brecht A vida de Galileu: “Infeliz a terra que precisa de heróis”.

\*PROFESSOR DO CURSO DE SOCIOLOGIA DA UFRPE E DIRETOR DA ADUFERPE

**FOLHA de PERNAMBUCO**  
Publicação: 142 381.084 | Fax: 1423.3813  
[carta@folha.com.br](mailto:carta@folha.com.br)  
Classificação: Isenção de taxa | PIS 099-142.3813  
Distribuição: 1423.3813

**REPRESENTANTE NACIONAL**  
**REPÚBLICA DE PERNAMBUCO**  
**SÃO PAULO:** Rua (11) 273-1448 | 1448  
[email-representante@republica-pe.com.br](mailto:email-representante@republica-pe.com.br)

**REPRESENTANTE DE COMUNICAÇÃO E MARKETING**  
Brasília: Rua 245, 1918-4471 | 1912-2854  
[email-representante@republica-pe.com.br](mailto:email-representante@republica-pe.com.br)

**REDAÇÃO**  
Editores:  
Breno Pellegrinetti, Diógenes Barros,  
Fábio Galvão, Tarcísio Augusto Alves da Silva,  
Tarcísio Augusto Alves da Silva, Rogério Fraga,  
Sérgio Lima